

Antologia de  
**CONTOS**  
do Ensino Fundamental



Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Antologia de  
**CONTOS**  
do Ensino Fundamental

São Paulo | 2021 – 2022



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Disponível também em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>

**COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED**

Simone Aparecida Machado - Coordenadora

**ASSESSORIA TÉCNICA - COPED**

Daniela Gavião

Graciela Marra

José Roberto de Campos Lima

Talita Vieira Roberto

**DIVISÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL  
E MÉDIO - DIEFEM**

Tatiane Aparecida Dian Hermanek - Diretora

**EQUIPE TÉCNICA – DIEFEM**

Kátia Gisele Turolo do Nascimento

Mayra Pereira Camacho

Rosana Carla de Oliveira

Rosângela Ferreira de Souza Queiroz

Sandra Salavandro Rodrigues

**EQUIPE TÉCNICA – NTC**

Karla de Oliveira Queiroz

Lisandra Paes

**EQUIPE TÉCNICA SME**

**LÍNGUA PORTUGUESA**

Kátia Gisele Turolo do Nascimento

Sandra Salavandro Rodrigues

**EQUIPE TÉCNICA DE FORMADORES DE  
LÍNGUA PORTUGUESA E ALFABETIZAÇÃO**

*DRE Butantã*

Simone Silvério Prado

Tathiane Graziela Hamada Cipullo

*DRE Campo Limpo*

Angélica Furtado de Almeida

Cecília Regina Carlini Ferreira Coelho

Cleomar de Souza Lima

*DRE Capela do Socorro*

Michelle Fonseca Melo

*DRE Freguesia/Brasilândia*

Juliana Nagahama

*DRE Guaianases*

Luciano de Brito Leal

Silvana dos Santos Silva

*DRE Ipiranga*

Cristiane Carvalho Meirelles

Girséley Alexandre Gonçalves Sato

*DRE Itaquera*

Adriana Beatriz De Oliveira

Cinthia Krayuska de Araujo Sousa

Lúcia Ramalho Nunes Munis

*DRE Jaçanã/Tremembé*

Ana Carolina Cuofano

Valéria Affonso

*DRE Penha*

Ana Carolina Porto Lemes

Thalita Garcia Lopes

*DRE Pirituba/Jaraguá*

Iracema Pereira da Silva Vastag

Patrícia Zerino Aguilera

*DRE Santo Amaro*

Leise Diene da Silva Koboyashi

Tatiane Marli Oliveira Gomez

*DRE São Mateus*

Andréa Limones de Oliveira

Suseli Corumba dos Santos

*DRE São Miguel Paulista*

Bruno Carvalho da Silva

Taciane Pereira Quadrado Lopes

**PROJETO EDITORIAL**

**CENTRO DE MULTIMEIOS**

Ana Rita da Costa - Coordenadora

**NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE**

Ana Rita da Costa - Projeto Gráfico e Ilustração Capa

Angélica Dádario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Simone Porfírio Mascarenhas - Editoração

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Antologia de contos do Ensino Fundamental 2021. – São Paulo : SME / COPED, 2022.

96p. : il.

1.Literatura brasileira. 2.Contos brasileiros. 3.Escolas municipais.

I.Título

CDD 869.9308

Código da Memória Documental: SME92/2022

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877

# Caros(as) estudantes, professores(as) e gestores(as) das EMEFs,

É com muita satisfação que apresentamos a você, o terceiro volume da “Antologia de Contos do Ensino Fundamental e Médio”. Assim como os volumes 1 e 2, esta Antologia reúne textos dos(as) estudantes a partir do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

A publicação desta edição, assim como a anterior, foi um grande desafio, dadas as condições de distanciamento social em que vivemos nos anos de 2020 e 2021, ainda assim, graças ao empenho e dedicação dos(as) profissionais de educação e dos(as) estudantes da nossa rede, conseguimos reunir algumas produções, demonstrando assim, todas as potencialidades da educação pública municipal paulistana.

Diante de toda a situação adversa que a pandemia nos impôs, a publicação desta Antologia de Contos é o resultado de muitos esforços, pois além dos protagonistas desta história, esta produção representa também o grande comprometimento com a qualidade da educação de professores(as), gestores(as) e formadores(as) de Alfabetização e

Língua Portuguesa da COPED e das 13 Diretorias Regionais de Ensino - DREs que, investiram na produção criativa, conseguindo enviar os textos dos(as) estudantes, avaliar e selecionar, resultando em um valoroso trabalho realizado a muitas mãos.

Convidamos você, leitor, a apreciar este livro, não só pela fruição estética que os textos literários nos proporcionam, mas sobretudo, para conhecer as potencialidades criativas nos textos produzidos por nossos(as) estudantes.

Boa leitura a todos(as)!

**Fernando Padula**

Secretário Municipal de Educação

# Sumário

3º ANO - FINAL DE CONTO.....	09
O soldadinho de chumbo.....	11
4º ANO - FINAL DE CONTO.....	13
Dançando com o morto.....	15
O sapo e a cobra.....	16
5º ANO - CONTO POPULAR.....	17
A flor branca.....	19
A sopa de pedras.....	21
Sopa de cebola.....	24
Chapeuzinho do corisco.....	26
Sopa de feijão com ovos.....	28
6º ANO - CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO MISTÉRIO.....	31
O porão amaldiçoado.....	33
O fantasmilha camarada.....	36
O pé grande.....	38
O fantasma da escola.....	42
O gato e a casa.....	45

7º ANO - CONTO DE AVENTURA.....	49
A grande lição .....	51
Na quarentena pode?.....	60
8º ANO - CONTO POPULAR.....	65
O campo dos animais extintos.....	67
João e Maria e a Bruxa devoradora de Crianças.....	78
9º ANO - MINICONTO.....	83
Antes do assopro.....	85
Admiradores .....	86
Memória .....	87
Carência.....	88
Um multi... verso?.....	89
Uma conversa normal .....	90
Um completo vazio.....	91
Quando ele chega.....	92
Rotina do Corre .....	93
Marcha.....	94
Nem tudo o que parece é .....	95

3º ANO

FINAL DE CONTO



# O soldadinho de chumbo

Então o Soldadinho tomou coragem, se aproximou da Bailarina e disse:

– Oi Bailarina, estou apaixonado por você, pois você é linda e tem uma perna só, como eu.

A Bailarina abriu um sorriso e respondeu:

– Eu não tenho uma perna só, fiquei aqui equilibrada com uma perna só todo esse tempo para te impressionar e te conquistar, parece que deu certo! Também estou apaixonada por você!

De repente aparece uma fada, ela, com sua varinha mágica, apontou para a perna quebrada do soldadinho que ficou com duas pernas perfeitas. Quando deu meia noite os brinquedos se animaram e ficaram surpresos ao ver o Soldadinho com as duas pernas inteiras. Então o soldadinho sem medo e sem vergonha, pediu a bailarina em casamento na frente de todos. A bailarina feliz respondeu sim de prontidão. Todos foram convidados para a festa de casamento. Eles se casaram e foram morar no castelo de papel em frente ao lago de espelho e viveram felizes para sempre.



Autor: Arthur Samuel Aragão Soares  
EMEF Roquette Pinto  
DRE - Itaquera  
Professora: Aldineia Siqueira de Lima Almeida







# Dançando com o morto

Depois ele percebeu que o seu corpo tinha despedaçado e começou a gritar:

– Socorro, socorro, socorro, socorro, socorro! Por favor meu amor!

– Eu não sou seu amorzinho - respondeu a mulher.

Então o morto ameaçou:

– Eu vou então contar todos os seus segredos.

Acabou!

A mulher respondeu:

– Eu te ajudo, pego parte por parte e monto.

O esqueleto então saiu por aí bem feliz.



Autor: Ícaro Ryan Matos dos Santos  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Patrícia Ribeiro de Oliveira Costa

# O sapo e a cobra

Os dois ficaram tristes, mas tiveram uma ideia...

– Que tal a gente tentar convencer os nossos pais a virarem amigos, disse a cobra.

O sapo aceitou, então foram falar com os pais e marcaram um encontro de paz. No dia seguinte eles se encontraram debaixo de uma árvore e as cobras prometeram não jantar os sapos, e os sapos prometeram não brigar com as cobras, todos viraram amigos e tiveram uma vida feliz.



Autora: Sophia Sales Santana  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Dulcimara Aparecida de Almeida Santos

5º ANO

CONTO POPULAR



# A flor branca

Um tempo atrás uma pequena garota chamada Yasmin, ela tinha duas irmãs, Stephany de 15 anos e sua irmã gêmea, Melissa. Yasmin e Melissa eram inseparáveis, mas Stephany nem tanto.

Melissa era fraca e ficava doente facilmente, mas com os chás, ela melhorava. Um dia de sol Melissa ficou tão doente que nem os chás de mel ajudaram, então sua mãe calmamente pediu que Yasmin buscasse a única flor branca, no meio de doces rosas.

– Vá para o campo de rosas e procure uma flor branca, não vai ser difícil achar, disse a mãe.

– Está bem mamãe! Disse Yasmin.

– Mas não fale com estranhos e não aceite nada deles! Avisou a mãe de Yasmin.

Yasmin foi procurar a flor que sua mãe queria, porém, uma onça estava vigiando a pequena Yasmin, quando ela sentiu que estava sendo seguida, ela olhou para trás e deu de cara com a onça.

– Eu não sou estranha, sou apenas uma onça querendo te ajudar. Disse a onça mentindo.

– Ia me ajudar me seguindo? Obrigada, mas eu não estou perdida. Disse Yasmin seguindo o caminho.

– Parece que está com fome, eu tenho vários doces aqui. Disse a onça convencendo a garota.

– Bom uns docinhos não vão fazer mal, disse Yasmin, indo até a onça.

Então Yasmin foi junto com a onça esquecendo de tudo que sua mãe havia dito. Na casa da onça tinha vários doces na mesa, a menina arregalou os olhos quando viu os doces favoritos dela em ordem, Yasmin comeu tanto que não conseguiu levantar da cadeira. A onça aproveitou e pulou em cima da garota e a mesma gritou tão alto que um caçador que estava por perto ouviu, correu em direção ao grito e empurrou a porta, viu a onça com a barriga grande.

– Você de novo? Disse a onça.

– O que você fez dessa vez? Perguntou o caçador.

Antes da onça falar o caçador abriu a barriga dela, a pequena Yasmin saiu de lá e explicou tudo para ele.

– Meu Deus, quer que eu te leve para casa? Disse o caçador.

– Poderia me levar para o campo? Disse Yasmin.

Eles foram para o campo, Yasmin pegou a flor branca e voltou segura para casa. Ela deu a flor para a sua mãe, que apenas entregou para Melissa. A Melissa melhorou e foi após ter tocado na flor. Acontece que a flor era mágica e curava as pessoas em um só toque. A família desde então viveu em paz, a pequena nunca mais ficou doente e a onça não incomodou mais a Yasmin.

Autora: Samilly Lira da Silva  
EMEF João Amós Comenius  
DRE – Freguesia/Brasilândia  
Professora: Bruna Carolina de Moraes Silva

# A sopa de pedras

Um dia um menino chamado Pedro Malasartes andava pela estrada, morrendo de fome. Já havia procurado frutas na estrada, mas falhou, sorte que logo ali perto havia a casa de uma pessoa conhecida como velha rabugenta (isso tudo porque ela tem fama de ser a pessoa mais rabugenta e pão-duro de toda a cidade).

Então ele chegou à porta da velha com muito medo e bateu “Toc Toc Toc”. Como ninguém apareceu Pedro já estava prestes a desistir, foi quando a porta se abriu. Ele disse aliviado:

– Olá senhorinha, eu sou um pobre viajante faminto. Estava passando por aqui... venho andando há 3 anos, 3 meses, 3 semanas, 3 dias, 3 noites e 3 horas.

A velha disse:

– Diga logo o que quer, eu não tenho o dia todo!

– Bom eu estou com muita fome e eu imaginei que você teria algo para eu comer.

– A velha interrompeu Malasartes aos gritos:

– Saia daqui! Não há nada para comer em minha casa, principalmente para você.

– Pedro insistiu:

– Mas vejo sacolas de compras dentro da sua casa e no seu quintal você tem uma horta enorme.

Ao perceber que não teria chance de convencê-la, ele usou sua última estratégia, e disse:

– A senhora me interpretou mal. Eu só queria poder usar seu fogão e uma panela para fazer uma deliciosa sopa de pedras. Eu fico de barriga cheia e satisfeito e vou embora.

– Huum... Contanto que lave a louça e suma daqui e nunca mais apareça, aceito!

– Tudo bem! Concordou Pedro.

– Antes que Pedro Malasartes pudesse continuar, a velha perguntou:

– Sopa de pedras?

– Sim, vou pegar pedras e já volto, a senhora bem que poderia ligar o fogo e colocar água na panela para mim né?!

– Não, porque é a hora do meu programa de gatinhos fofos e mesmo se não fosse, eu não te ajudaria. Preguiçoso! – resmungou a velha.

– Então lá foi ele. Pegou as pedras, limpou-as, colocou tudo no fogo e esperou a água ferver para provar. Ele não gostou muito, mas lembrou que tinha um pacotinho de temperos no bolso então adicionou a receita.

– Depois ele procurou a velhinha, mas não a achou, então colocou a sopa em um pote. Logo após a velinha apareceu com tomates, pedaços de carne e alho e disse:

– Trouxe mais coisas para você colocar na sopa, vamos trocar nosso trato pode ser?

– Hum... o que você quer para ser nosso novo trato?

– Eu quero que me ensine a fazer essa sopa. Eu pensei muito e parece ser uma delícia!

– Pedro aceitou e eles conversaram por muito tempo até o prato finalmente ficar pronto.

– Então eles comeram a sopa toda. E a velhinha ficou satisfeita por aprender uma nova receita.

Quando Pedro Malasartes foi embora, pensou na possibilidade da idosa ser alérgica a sopa de pedras. Foi então que ele resolveu se apressar e sair dali o quanto antes.

Autor: Eduardo Souza Vieira Cardoso  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Priscila Tártelas

## Sopa de cebola

Em uma bela tarde, um jovem de nome David Soares, estava passeando e se distraiu com um lugar belíssimo. Passaram-se algumas horas e David percebeu que estava perdido.

– Ah, não! Eu me perdi e estou morrendo de fome e cansado. – Falou David entediado.

Ele foi andando, andando e andando até que encontrou uma casa, foi até lá e tocou a campainha, dim dom.

– Já vai! – Gritou a idosa.

– Olá senhora, você poderia me dar algo para comer? – Eu me perdi e estou faminto.

– Me desculpa, mas, não tenho comida. – Expressou a senhora.

– Ah, não tem problema, se me deixar entrar, eu posso preparar uma sopa deliciosa e nela vai um ingrediente que a deixará saborosa.

Então David começou a falar os ingredientes...

– Hum, acho que essa sopa vai ficar boa! Pensou dona Zélia (esse é o nome dela).

– Vamos começar a receita?

– Primeiro traga o caldeirão com água dentro. Dona Zélia prontamente foi buscar.

– Agora, me traga um pouco de cebola, batata e cenoura.

Finalmente a sopa ficou pronta e dona Zélia foi buscar os pratos e talheres para que pudessem experimentar.

Enquanto se serviam, ela observou que David não colocou os pedaços de cebola no prato e perguntou para ele:

– E as cebolas?

– Então, eu não gosto de cebola, era só para dar um gostinho. Pode jogar fora.

Autor: Maria Fernanda Silva  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Silvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

# Chapeuzinho do Corisco

Certo dia Chapeuzinho saiu de sua escola, a Hélio Franco Chaves, e foi para a sua casa, ao chegar lá sua mãe disse:

– Filha vamos até a casa da sua avó, o único problema é que o meu carro está sendo arrumado, então iremos de ônibus.

Respondeu Chapeuzinho:

– Tá bom mamãe!

Ao chegar ao ponto de ônibus, viram que ele tinha acabado de sair, então elas resolveram ir andando. Ao chegar perto da casa da avó de Chapeuzinho a mãe fala preocupada:

– Filha, eu esqueci minha carteira em casa e preciso voltar, mas você continua indo para a casa da vovó, tá bom?

– Tá bom, mamãe! respondeu Chapeuzinho. Então ela continuou indo. Quase chegando, um policial parou ela e perguntou:

– O que está fazendo sozinha mocinha nessa cidade tão perigosa?

– Estou indo até a casa da minha avó, minha mãe esqueceu a carteira e teve que voltar, por isso estou indo sozinha, respondeu Chapeuzinho nervosa.

O policial perguntou:

– Onde que é a casa da sua avó? Irei te levar até lá.

– A casa da minha avó é três quarteirões a frente, respondeu a garota.

O policial perguntou novamente:

– Você sabe o telefone da sua mãe?

– Sei sim. É o 9028922 – respondeu ela.

O policial liga para a mãe da Chapeuzinho e leva a menina para a casa de sua avó. Dois minutos depois eles já estavam lá. Um tempo se passou e a mãe da menina chegou e disse:

– Me desculpe policial, não queria que nada de ruim acontecesse com a minha filha.

Depois todos juntos tomaram um belo café da tarde!

Autor: Ana Júlia Lima Ignácio  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Tânia Seminário

## Sopa de feijão com ovos

Este é o conto de Maicon. Sempre trabalhou até que veio a pandemia, ficou desempregado, sem dinheiro e com fome.

A vida não estava fácil e então, Maicon criou coragem e foi de porta em porta pela vizinhança, pedir um pouco de comida.

Quando estava quase perdendo as esperanças, uma senhora lhe atendeu e perguntou:

– Quem é você?

– Me chamo Maicon e moro no início da rua.

– E o que você deseja meu jovem? – Perguntou a senhora.

– Apenas uma refeição. – Respondeu Maicon.

– Meu jovem, ainda não preparei a refeição do dia, mas, se quiser entrar e me ajudar...

– Claro, será um prazer! – Aliás, o que acha de fazermos uma sopa de feijão com ovos?

– Que cara é essa de espanto? – perguntou Maicon a mulher.

– Que receita mais esquisita. – Respondeu a mulher.

– É uma combinação perfeita e podem ser consumidos de diferentes formas! – Vamos tentar e tenho certeza de que não irá se arrepender assim que provar.

Então, todos os ingredientes que Maicon precisou para fazer a sopa de feijão com os ovos, a senhora foi providenciando. E à medida que a sopa ia cozinhando, subia um cheiro muito bom, tanto que a senhora disse que estava ficando com água na boca e não via a hora da sopa ficar pronta para provar a receita tão inusitada.

Enquanto isso, ela foi até o armário e pegou dois pratos fundos para caber bastante sopa. E quando a sopa ficou pronta, Maicon a serviu primeiro, mas a senhora quis saber, por que ele não se servia também?

Ele disse que iria esperar ela provar da sopa e dizer o que achou.

– Hum, maravilhosa! – Estou surpresa, pois, não achei que fosse ficar boa.

– Que bom que gostou!

– Como foi boa comigo, mesmo sem me conhecer, vou lhe contar que o ovo é o chamariz da minha sopa. Há! Há! Há! Claro que possui muitos benefícios

para o nosso corpo e ajuda na saciedade, assim, adia a minha vontade comer novamente já que não tenho o que comer mais tarde.

A senhora ficou admirada com a esperteza daquele rapaz, se comoveu com a situação que ele estava passando e lhe ofereceu um emprego como cozinheiro em sua casa. Maicon imediatamente aceitou o emprego e diz o quanto é grato pela empatia da senhora.

Autor: Micael Soares dos Santos  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Silvia Cristina Moreira dos Santos Camargo

6º ANO

CONTOS DE  
ASSOMBRAÇÃO  
MISTÉRIO



# O porão amaldiçoado

Um dia, um homem foi pegar uma coisa no porão e ao descer as escadas, de repente, uma mão o puxou e ele desapareceu. Sua família também desceu ao porão para procurá-lo e nunca mais foram encontrados.

Cinco anos depois, um pai, uma mãe e dois filhos – os novos moradores – estavam arrumando a casa, fazendo a mudança e organizando os móveis, quando o menino mais novo se depara com uma porta e pergunta:

– Pai, o que é isso?

– Essa é a porta de entrada do porão. – respondeu o pai do garoto.

O filho mais velho logo imaginou que poderia ter um bicho lá dentro. Então, o pai logo alertou para interromperem a brincadeira, pois havia muito trabalho a fazer.

No dia seguinte, vasculhando suas coisas, o pai achou uma câmera e começou a gravar quando, de repente, apareceu um vulto atrás dele. Ele achou estranho, mas nas imagens gravadas não conseguia visualizar nada.

Então, telefonou para o padre que lhe contou sobre o desaparecimento de três crianças e de um casal no local, os quais nunca mais voltaram. E que, por isso, havia uma suspeita de que o porão era mal-assombrado. O padre disse que iria pessoalmente à casa da família para tentar entender o que estava acontecendo. Enquanto isso, o pai percebeu que seu filho mais novo estava conversando sozinho.

Então perguntou:

– Com quem você está conversando?

– Estou falando com meu amigo invisível. – respondeu o menino sem dizer mais nada.

Naquela madrugada, por volta de 3h da manhã, a mãe levantou-se para tomar água e viu uma cadeira balançando na cozinha e voltou correndo para a cama. Depois, viu a porta do quarto abrir sozinha e o cachorro começou a latir, parecendo que havia alguém no portão. Mesmo com medo, acabou adormecendo.

Logo de manhã, o padre chegou e a família contou tudo o que tinha acontecido, então o bom homem disse que iria fazer uma oração naquela casa, mas quando chegou perto do porão, começou a ficar arrepiado.

O filho mais velho achou uma carta no quarto, dizendo “vá ao porão, por favor!” e mostrou ao padre. O padre abriu a carta e começou a ler: “Saíam dessa casa! Não morem aqui. Essa casa tinha uma empregada, um homem e uma mulher. O homem era pai da moça e a trancou no porão por trinta anos como punição por ela ter matado a empregada. As pessoas que abrem esse porão nunca mais retornam à vida. Por favor, você não quer morrer aqui, então não entre”.

O resto da carta não dava para ler, pois estava rasgada, mas, mesmo assim, todos ficaram com muito medo. Só pensavam que tinham comprado aquela casa com o porão mal-assombrado e pagaram um preço muito caro.

Assim, resolveram chamar os caça-fantasmas que disseram para a família se afastar da casa por uns dez dias. Nesse período, os caça-fantasmas pegaram seus equipamentos e saíram pela casa quando, de repente, um dos sinalizadores de fantasmas começou a apitar e ficou doido, sem controle. Eles decidiram entrar no porão e no meio daquela bagunça e do escuro, viram um vulto branco com vestido – era a mulher morta. Logo, saíram correndo e ela foi atrás deles. Durante a perseguição, ainda dentro da casa, os caça-fantasmas jogaram uma bomba e a casa foi pelos ares, pegou fogo e toda a maldição foi destruída com o fogo.

Autor: Bianca Vieira dos Santos  
EMEF Professora Ana Maria Alves Benetti  
DRE – Santo Amaro  
Professora: Katia Melo

## O fantasminha camarada

Felipe e seus amigos queriam ver se fantasmas realmente existiam. Então, decidiram ir ao cemitério à meia-noite de uma sexta-feira 13.

Na primeira sexta-feira 13 do ano, todos pegaram suas bicicletas e se dirigiram para o cemitério. Chegando lá, se depararam com os portões todos fechados. Como já eram 10h30 da noite, pularam o muro e perceberam que o cemitério estava escuro, iluminado somente pela lua cheia.

Os amigos começaram a andar pelo cemitério e ficaram ainda mais assustados, pois viram os morcegos que aterrorizavam em cima de suas cabeças.

Próximo da meia-noite, ouviram um barulho que vinha de trás de um banco todo quebrado a uns cinquenta metros de distância. Conforme iam se aproximando, o barulho aumentava. Sentiam calafrios em suas espinhas. A noite parecia cada vez mais escura e eles chegavam cada vez mais perto do banco quando, de repente, um animal todo branco saiu correndo atrás deles.

Todos gritaram e correram o mais rápido que puderam. Mas ao olharem para trás, perceberam que era apenas um cachorro branco faminto. E todos tinham pensado que fosse um fantasma.

Então, João, um dos amigos de Felipe, tirou do bolso um lanche e deu para o cachorrinho que ficou muito agradecido e virou mascote da turma. Os amigos, agora, o chamam de Gasparzinho.

Autor: Bernardo de Freitas Fanado  
EMEF Professora Ana Maria Alves Benetti  
DRE – Santo Amaro  
Professora: Katia Melo

## O pé grande

De todos os lugares para os quais Simon havia se mudado, esse era o mais estranho.

Simon tem um amigo chamado Dan, que sempre está com ele. E há uma garota, Hanah – sua vizinha, que chama muito sua atenção. Eles já tinham saído juntos logo que chegou na cidade, mas nada além disso. O pai dela é estranho, não a deixa sair ou conversar com ninguém.

Simon estava fazendo lição quando escutou um grito vindo da casa de sua vizinha, então olhou pela janela e viu algumas sombras de alguém se afastando. Julgou ser Hanah e saiu correndo para a sala:

– Mãe! Mãe! Acho que está acontecendo alguma coisa com a Hanah!

Após falar com sua mãe, ela ligou para a polícia e foram ver o que havia acontecido.

Chegando à casa de seu vizinho, bateram na porta, a qual logo foi aberta pelo pai de Hanah. Mas, estranhamente, não havia nada suspeito, embora não tenham visto sinais da menina naquele momento.

Dois dias depois, Simon chamou Dan para invadir a casa em busca da garota, então decidiram entrar pelo porão. Dan deveria ficar na porta, porém o medo

falou mais alto e acabou indo com Simon. No meio do caminho, acharam algo inesperado.

– Armadilha de urso? Pra que ele tem isso?

– Não sei.

Os meninos deram a volta e entraram na casa. Ligaram as lanternas, pois estava bem escuro. Eles entraram em um lugar que parecia ser o escritório, pois havia muitos livros e em cima da mesa, uma chave. Chegaram mais perto e Dan disse:

– Os livros estão trancados, olha! “O espantalho”, “Pé Grande”... esses livros são históricos, “R. L. Stine é histórico. – disse apontando para os livros.

– Por que ele lia livros infantis? Simon perguntou ingenuamente.

– Não são livros infantis, são os piores pesadelos das crianças.

– Acho que essa chave abre esse livro. – disse Dan, segurando o livro e apontando para ela.

Ao abrirem o livro, escutaram um barulho. Colocaram a chave no lugar de novo e Hanah apareceu com um bastão de beisebol nas mãos.

– Calma, Hanah! Somos nós! – eles disseram. A garota abaixou o bastão e suspirou.

– O que estão fazendo aqui? – perguntou sussurrando

– Procurando você. – Simon respondeu.

– Por quê? – Hanah perguntou.

– Simon ouviu você gritar e como você ficou dois dias sem aparecer, viemos te procurar. – Dan explicou.

De repente, o livro começou a se mexer como se estivesse ocorrendo um terremoto.

– Droga! – disse Hanah.

Então, as letras dos livros começaram a sair das páginas e a se transformarem em um enorme Pé Grande. Hanah, Dan e Simon correram muito, desviando dos ataques do monstro. Saíram da casa e acharam um lugar para se esconderem – no salão de hóquei.

– Eu não posso morrer! Oh! – rapidamente taparam a boca de Dan para que ficasse calado.

Em pouco minutos, ouviram um grunido e passos fortes e quando olharam, o “grandão” estava com o livro em suas mãos, enquanto tentava pegar chocolates da máquina.

Dan gritou sem querer, fazendo com que o Pé Grande largasse o livro e a máquina

– Corre! Agora! – gritou Simon.

Todos saíram correndo. Enquanto isso, o monstro gigante quebrava tudo atrás dos adolescentes. Logo, perceberam que Dan havia sumido.

– Cadê o Dan? – perguntou Simon preocupado com o amigo, mas escondido.

– Aqui, pessoal! – respondeu Dan com voz baixa, atrás de um carrinho.

Os amigos foram até ele.

– Temos que pegar o livro. – falou Hanah.

– Mas e ele? – Dan apontou para o monstro.

– Corre! – gritaram ao perceberem que o gigante se aproximava.

Ao correrem, o monstro jogou o carrinho sobre eles, fazendo-os caírem. Mas quando tentou atacá-los, de repente, travou. No mesmo instante, apareceu uma luz muito forte e puxou o Pé Grande para dentro do livro novamente. Ao olharem para as páginas iluminadas, viram quem o havia prendido. O pai de Hanah? Você deve estar pensando. Não...

– R. L. Stine?

– Sim, ele mesmo.

Autor: Gabryela Aldliz Vieira Matos  
EMEF Professora Ana Maria Alves Benetti  
DRE – Santo Amaro  
Professora: Katia Melo

## O fantasma da escola

Rebeca era uma menina muito meiga, sua melhor amiga era a Sara. Sara tinha um espírito muito aventureiro, era muito corajosa e destemida. As amigas sempre iam juntas à escola.

Um dia, no caminho da escola, em meio a conversas e brincadeiras de meninas, Sara disse algo bastante perturbador à Rebeca:

– Amiga, eu ouvi dizer que há um fantasma na sala de música.

– Ah! Que medo!!! – Disse Rebeca assustada.

Continuaram o caminho até a escola. No final da aula Sara convenceu a amiga a irem à escola à noite pegar esse fantasma, como faziam quando brincavam de fantasmas e justiceiras. Rebeca não gostou nada da ideia da amiga, pois, já não seria uma brincadeira.

Mas, no fundo, no fundo, apesar do medo, Rebeca sentiu certa curiosidade e Sara sabia muito bem como convencer a amiga de suas ideias malucas.

Depois das aulas foram para casa e começaram a colocar o plano em prática, cada uma diria aos seus pais que dormiria na casa da outra.

Assim que anoiteceu saíram com suas mochilas e se encontraram em um ponto estratégico da praça, de lá seguiram para a escola, entraram. Todos os alunos sabiam como entrar na escola sem serem vistos, havia uma fenda no muro da escola que nunca fora arrumada e qualquer criança podia sair e entrar da escola como bem quisesse, como se fosse um portal misterioso para se viver grandes aventuras.

Dentro da escola estava um silêncio e uma escuridão de dar medo, não se ouvia um único ruído sequer, muito diferente do horário das aulas com aquela zoadada danada dos estudantes gritando e correndo na hora da entrada, saída, intervalo, nas aulas de educação física, de música...

De repente ouviram passos na escada...

– Você ouviu isso, Sara? – Rebeca estava aterrorizada.

– Será que é o fantasma, Rebeca? – Sara agora já não parecia tão corajosa.

“Slam! Blam!”

– Que barulho foi esse agora? Estou com muito medo. Vamos embora, Sara?

– Não foi nada, Rebeca, só o vento batendo na janela. – Disse Sara, tentando tranquilizar a amiga.

Foram se aproximando da janela, iluminando o caminho com uma lanterna para observar melhor o que poderia ter sido. Em sua mochila, Sara colocara vários instrumentos para detectar fantasmas, na verdade eram só brinquedos, mas que ela levava muito a sério. Nesse momento viram um vulto. Sara pegou um de seus aparelhos e conseguiu prender o fantasma nesse aparelho e finalmente não se ouviu mais nenhum barulho.

Passaram o final da noite em uma das salas vazias, fizeram um lanche e dormiram por ali mesmo. Na manhã seguinte, antes que os funcionários, professores e alunos entrassem já haviam saído da escola e aguardavam no portão de entrada como se nada tivesse acontecido. E as justiceiras estavam muito satisfeitas com seu trabalho, aquele fantasma não assombraria mais a escola.

Autor: Izabela Lima Carvalho  
EMEF Vargem Grande  
DRE – Capela do Socorro  
Professora: Rejane Lopes da Silva

## O gato e a casa

Diz a lenda que na noite de 31 de outubro, Dia das Bruxas, não se pode passar perto de um gato preto e outras superstições, acontece que tinha uma menina, a Danielle, que não acreditava nessas histórias.

Na noite do dia 31 de outubro, Danielle saiu para um passeio e viu um lindo gatinho preto. A menina foi atrás do gato, pois ficou com uma vontade irresistível de fazer um carinho nele. Ao ir atrás do gato, ela viu o bichinho entrar em uma casa que parecia estar abandonada. Como era muito teimosa e curiosa, decidiu entrar.

Assim que Danielle entrou na casa, a porta se fechou e não abriu mais. Ela então olhou em volta e viu várias fotos antigas ainda nas paredes. Havia uma escada que dava para o andar de cima, a menina, então resolveu subir para ver o que havia lá. Ao subir, ela viu um corredor muito comprido com várias portas dos dois lados que poderiam ser quartos. Ao abrir a porta de um dos quartos ela ouviu um grito muito alto: “AHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA!”. Danielle saiu correndo, desceu a escada e tentou de todo modo abrir a porta, mas não conseguiu. Resolveu, então, procurar ajuda e começou a gritar:

- TEM ALGUÉM AÍ???? TEM ALGUÉM AÍ????
- TEM SIIIIIIIM!!!!

Ao ouvir essa resposta, Danielle, ficou ainda mais apavorada e gritou:

- AI, MEU DEUS DO CÉU!!!! QUEM DISSE ISSO???

– Calma, não se assuste. Sou Maria. Eu também estou presa aqui já tem um bom tempo.

– Você veio atrás do gato, Maria?

– Sim, mas aí a porta fechou e não abriu mais.

Decidida, Danielle falou:

– Temos que dar um jeito de sair daqui.

– Sim, mas como? Já olhei tudo... não há saída.

Lamentou Maria.

Nesse momento, elas percebem a formação de uma névoa esbranquiçada e agarradas uma a outra perguntam ao mesmo tempo:

– Quequem tatá aííí??

– Ora, quem mais poderia ser? Eu sou a dona dessa casa.

– Mas não estamos vendo ninguém!

– É que eu sou um fantasma, por isso!

Novamente as duas meninas gritaram juntas:

– O QUÊ?? AÍ, MEU DEUS!!

– O que é que vocês estão fazendo na minha casa??

Perguntou a fantasma com voz de quem estava irritada.

– Desculpe, nós viemos atrás de um gatinho preto. A porta se fechou e não abriu mais. Para surpresa das meninas a fantasma revelou:

– O gatinho preto... na verdade é uma gatinha! É a única maneira que posso sair daqui.

Dizendo isso a névoa branca transforma-se em um lindo gatinho preto, bom... gatinha. Depois de fazer um carinho ao redor das pernas das meninas

a gatinha arranha a porta e ela se abre sem o menor problema. Mais que depressa as meninas saem da casa e correm cada uma para a sua própria casa. Ao chegar em casa, Danielle responde à mãe que pergunta por onde ela andou.

– Depois eu conto tudo com detalhes, mas agora eu só vou prometer que nunca mais saio sozinha em noites de 31 de outubro.

Autor: Yasmim Angeri de Meirelles  
EMEF General Osório  
DRE – Ipiranga  
Professora: Elisabete Teodora Lima Pennachi



7º ANO

CONTO DE AVENTURA



# A grande lição

Distante da cidade, em um velho casarão, morava uma família um pouco diferente. Quer dizer estranha mesmo. Um casal que vivia com seus dois filhos, Freddy o filho mais velho, de 16 anos e Zoe, a filha mais nova, com seus 14 anos. Eram dois irmãos muito unidos, mas seus pais eram dois controladores e políticos, interesseiros e avaros, que só pensavam em dinheiro. Estavam sempre tão ocupados com seus problemas e afundados em dívidas, que não tinham tempo nem disposição para seus dois filhos, que viviam sozinhos em seus mundos tão perto, e ao mesmo tempo, tão longe uns dos outros. Muito diferentes. Conversando à noite, começaram a olhar as fotos de quando eram crianças e os seus pais, os levavam para a praia e iam muito até o porto, olhar a partida dos grandes navios.

Passou um tempo, e os adolescentes então, vendo que seus pais estavam como sempre, muito ocupados, resolveram fugir de casa. Moravam perto do porto. E, foram para lá. Pediram um carro de aplicativo para chegar até lá. Partiram com a certeza de que encontrariam outros lugares, com pessoas diferentes para conhecer. Estava começando ali uma aventura arriscada e perigosa de dois jovens que naquele momento, acreditaram encontrar pessoas muito legais e que iriam só se divertir.

– Oh, “Frederico”, não aguento mais viver nessa casa. Disse Zoe resmungando.

– Para, Zoe, nem é tão ruim assim. Replicou seu irmão.

– Não é tão ruim? Nossos pais nem ligam para a gente!

– Tá, você tem razão. Mas o que vamos fazer então? Questionou Zoe.

– Já sei! Que tal fugirmos de navio esta noite?

– Hum, gostei da ideia!

– Vamos nos preparar, já que nossos pais não estão em casa mesmo, nem irão notar nossa partida, pelo menos até o amanhecer.

– Tá, que tal deixarmos um bilhete para eles?

– Boa ideia! Concordaram os dois.

O bilhete dizia mais ou menos assim: “Queridos pais, por falta de tempo e sabendo que vocês andam sempre muito ocupados, nós resolvemos tirar, por conta própria, nossas férias de verão. Mandaremos notícias! Amamos vocês! Freddy e Zoe”.

Chegaram no porto, e ficaram de boca aberta, já fazia muito tempo, como são grandes os navios!! Estavam fascinados!

– TODOS A BORDO! (Última chamada do comandante, o navio já estava partindo).

– Como vamos entrar sem as passagens?

– Vem comigo! Disse Freddy.

Eles, então, correram e conseguiram entrar no navio em meio àquela multidão, sem que ninguém percebesse. Escondidos então como camundongos,

correram para o porão do navio. – Pooooooooooooom!!! Pom pom!!! Era a despedida, daquela cidadezinha. Agora iam em direção ao seu destino, que não sabiam ao certo, pois o futuro estava incerto.

– Estou com fome! Disse Zoe.

– Eu também! Zoe então se lembrou, de que havia trazido em sua bolsa um pedaço de pão que a cozinheira havia feito no dia anterior. E, dividiu com seu irmão. Os dois logo dormiram, pois estavam com a emoção à flor da pele. Freddy acordou e, percebendo que já era dia, saiu do porão e achou uma passagem estreita que dava para o segundo piso. Encontrou o cozinheiro que logo o chamou, dizendo:

– Ei menino, venha me ajudar na cozinha, você deve ser o novo ajudante que solicitei. Vamos, sem moleza!

Logo começa o trabalho na cozinha, descascando batatas, limpando o chão, e logo o cansaço toma conta dele. Mais tarde, procura por sua irmã, para levar um pouco de comida, que havia dividido uma marmita. Ao chegar até o porão, para sua surpresa, Zoe havia encontrado um gato que, logo se tornou amigo dos dois. Deram o nome de Doce de Leite, porque o gatinho era malhado de branco e caramelo.

Freddy levantou naquela noite, chamou sua irmã, e foram até a popa do navio, e ficaram novamente espantados com a beleza da noite estrelada e o mar, não dava para ver nada além daquela imagem fantástica! O Doce de Leite, não parava de miar, percebendo então

que o gatinho estava com fome, resolveram ir até a cozinha pegar um pouco de leite para o seu novo amigo. Mas ao chegar no corredor que dava para a cozinha, viram o cozinheiro tramando contra o comandante. O cozinheiro estava falando com um dos marinheiros do navio, Ted; era um ajudante do navio, consertava as máquinas, era um ajudante geral, como o de uma empresa. Conhecia muito bem as máquinas e equipamentos. Os dois haviam descoberto um cofre cheio de dinheiro do comandante e queriam roubá-lo. Freddy tampou com uma de suas mãos a boca de Zoe, enquanto ela segurava o gato em seu colo e, disse sussurrando:

– Precisamos ir embora daqui, isso não está me cheirando muito bem!

Ficaram imóveis sem fazer barulho no corredor, esperando uma chance de saírem dali sem serem vistos. E assim que os dois saíram, voltaram correndo para o porão, e suspiraram fundo!

– Ufa! Quase! E agora, o que vamos fazer?! – pensaram os dois.

– Eu falo com o comandante amanhã cedo, ele precisa saber que estes dois marinheiros estão tramando.

– Então, você vai trabalhar como de costume com o cozinheiro e o distrai, não o deixe sair por nada de lá. Eu mesma irei falar com o comandante, certo? Vamos ver no que isso vai dar, mas precisamos ter certeza que estaremos perto de uma cidade, pois se der algo errado, nós fugimos correndo, como fizemos ao sair de casa.

O plano agora era pegar um pouco de comida para o caso de terem que fugir novamente. Freddy saiu do porão abaixado e Zoe logo atrás. Saíram de fininho, chegando no refeitório, eles se esconderam debaixo da toalha, de uma das mesas e foram pegando aos poucos as deliciosas comidas que tinha ali. Depois de pegar tudo o que podiam, colocaram tudo arrumadinho dentro de um pote e saíram dali o mais rápido que puderam. Mas não deu muito certo...

– Ei, vocês dois aí! Era o comandante! E agora? Será mesmo hora de falar tudo o que sabiam?

– Si-sim comandante? Freddy disse com medo.

– Estou vendo que vocês estão sozinhos. Onde estão seus pais?

– É que... Bem quando a Zoe ia falar algo, Freddy a interrompeu:

– É que eles foram comer, senhor.

– Isso, eles foram comer.

– Hum?! Certo! O comandante não engoliu muito essa conversa e ligou o seu rádio “Walk talk” para falar com os marinheiros.

– Senhor, por favor, não os chame ainda, não sabem que ouvimos.

– Como é que é?!

– É isso mesmo, ele está tramando algo horrível junto com o marinheiro Ted, senhor!

– Comandante Sr. Schnyder, esse é o meu nome. E, como eu posso acreditar em duas crianças que

entraram no meu navio, sem pagar as passagens e estão de penetras com um gato e sem os pais?

– Não somos crianç... Quando ela ia terminar de falar o Freddy tampou a boca dela novamente e disse:

– Só precisamos que o senhor confie em nós!

– Sim, pode confiar, porque estamos dizendo a verdade.

O Comandante então pegou os dois pelo braço e os levou para sua cabine e anunciou no microfone, para o cozinheiro juntamente com Ted, comparecerem imediatamente até lá, para tirar essa história a limpo. Ao ouvir o chamado, o cozinheiro foi correndo até lá, mas no meio do caminho, encontrou o seu parceiro Ted, que ouviu tudo que os dois jovens haviam dito ao comandante, trataram logo de saírem correndo dali, e foram até a lateral do navio, onde ficam os barcos pequenos de emergência e, lançando o barco ao mar, fugiram sem levar nada.

O comandante quando percebeu já era tarde, os dois já estavam longe. Zoe e Freddy, tornaram-se grandes colaboradores do comandante e também grandes amigos. Então passaram-se três meses até que o comandante fez toda a programação que o navio teria que cumprir e, na última viagem o comandante percebeu que os dois estavam tristes. O comandante conversou com os dois que disseram estar com saudades de casa e de seus pais. Lamentaram a fuga e queriam voltar.

– Já estava mesmo na hora de vocês dois sentirem esse arrependimento e retornarem para casa e se desculparem com seus pais!

Os dois concordaram com o comandante e, estavam agora, prontos para fazerem essa viagem de volta. Emocionados os três se abraçaram. Na viagem de volta, se divertiram junto com o comandante, agora, melhores amigos. O comandante, era um homem muito solitário até ali, agora tinha seus dois melhores amigos, sentia que era parte da família, um tiozão coruja.

Enfim, agora estavam cada vez mais perto de chegar de volta para casa, as noites estavam frias e mais escuras, o outono estava chegando e a emoção era perceptível, sentiam os calafrios pelo corpo, a respiração mais ofegante e a ideia do que dizer e, o que fazer consumia as horas nas madrugadas. Até o comandante acordava no meio da noite, para fazer chocolate quente, e conversar sobre como seria esse reencontro. Ele também estava muito ansioso, assim como os dois, Zoe e Freddy. Mas as histórias longas do Sr. Snyder, confortavam os dois até pegarem no sono. Doce de Leite agora teria um lar, ou não. Era outro assunto que teriam que chegar e resolver.

O porto da cidade onde haviam saído já dava para avistar da proa do navio. Ninguém podia mais conter a emoção. Estavam chegando finalmente! Mas ainda faltava falar com seus pais, seria a coisa mais

difícil que eles teriam que fazer. Pensou alto Zoe. E, Freddy concordou.

– Que tal pedirmos para o “Sr. Schin”, ir conosco conversar com nossos pais?

– Concordo, vamos falar com ele esta noite. Vamos falar com o comandante no jantar, ele deve concordar em ir conosco.

Horas depois, no jantar, conversaram, riram, cantaram e fizeram o pedido. O comandante aceitou e se dispôs a acompanhá-los, contando aos seus pais, tudo o que viveram até ali.

Estavam perto de casa e muito apreensivos. Agora na frente do velho casarão, os três seguraram forte as mãos uns dos outros, olharam um para o outro e tocaram a campainha. Ao abrirem a porta, todos se emocionaram e se abraçaram. O comandante disse aos pais:

– Vocês têm filhos de ouro, cuidem bem e com amor!

Os pais choraram muito, e disseram:

– A partir de agora, nós iremos cuidar uns dos outros para sempre, nós amamos vocês filhos, Freddy e Zoe. Mas vocês também devem nos prometer que nunca, nunca mais irão sequer, sair de casa sem avisar ou fugirem. Todos riram e, prometeram cuidar uns dos outros, inclusive, adotaram o Sr. Schnyder, ou “Sr. Schin”, como Zoe e Freddy o apelidara. E, assim, sempre que o “Sr. Schin”, fazia uma parada ali naquele porto, fazia uma visita aos seus amigos. E combinaram

de passar muitas comemorações juntos, como: Natal, Páscoa, aniversários, etc. E essa história pode continuar, com muitas outras aventuras!

FIM!

Valorize quem você ama, e tenha a certeza de que tudo tem solução, basta um diálogo sempre! Filhos, conversem com seus pais e pais, conversem com seus filhos!

Autor: Sophia Cardoso Massano  
EMEF Dr. João Pedro de Carvalho Neto  
DRE – Campo Limpo  
Professora: Wania Aparecida Guedes da Silva

## Na quarentena pode?

Durante a quarentena, os amigos da escola Arco-íris não se viam, apenas trocavam mensagens pelo celular. Vídeos, piadas, memes e muitas risadas no grupo. Até que um dia Heytor envia uma mensagem por áudio:

– E aí, galera, esse negócio de ficar o dia todo no celular está me enlouquecendo!

– Já faz um ano e meio que eu não saio de casa – completou Lyca.

– Pessoal, estamos no meio de uma pandemia. Vamos continuar em casa! – advertiu João.

– Eu caio pra dentro de um rolezinho – disse Cauã, eufórico.

– Pode deixar que eu chamo a Bia que está sem celular – lembrou Ana.

Para finalizar a conversa, Fabrício propôs:

– Em uma hora nos encontramos na Praça de Skate. Topam?

João, ainda inseguro, falou:

– Não esqueçam as máscaras e o álcool em gel!

No horário combinado, Bia foi a primeira a chegar, inquieta começou olhar ao redor da praça:

– Cadê esse povo?

Lyca chega acenando com a mão para Bia, ela queria ajuda porque estava trazendo refri e copos descartáveis. Até que seu telefone toca, era Fabrício:

– Cadê vocês? – ele pergunta.

– Uai, na Praça de Skate, perto do escadão.

– Ah... achei que era a Praça de Skate do Cear!  
Chego aí em dois minutos.

João chegou com duas máscaras e ficou furioso ao ver o refri, foi logo gritando:

– Lyca, você não entende? Para tomar o refri temos que tirar a máscara e em hipótese alguma podemos fazer isso.

No mesmo instante, chega Ana mostrando um pote da sua mãe:

– Oba! Eu trouxe coxinha e quero refri!

Bia ainda estava incomodada com o atraso dos meninos:

– Cadê o resto dessa turma?

Logo chegam Heytor e Cauã, crescendo os olhos no pote de coxinha:

– Tô na maior larica! Manda uma pra cá!

João bate a mão na testa e diz:

– Minha nossa! Quanta gente sem juízo!

– Para com isso, menino! Ninguém vai morrer aqui não!

Quando Fabrício chegou, completou o grupo, ficaram conversando e relembrando das travessuras que sempre aprontavam. Até que Heytor olhou para escola, que ficava do outro lado da Praça e logo sugeriu:

– Família, bora entrar nessa escola? Parece tão vazia... está precisando de emoção!

– Lógico!

– Tô dentro!

– Demorô!

Todos concordaram, exceto João:

– Nem que a vaca tussa. Vocês vão se lascar!

– Lá vem ele... fica quietinho, João, quietinho!

– disse Heytor.

O primeiro a pular o portão foi Fabrício, tirou seus óculos e começou a escalada. Meio desajeitado, acabou ralando a perna, mas ainda ajudou Bia e Ana a descerem. Os três já foram correndo para a quadra. Cauã, Lyca e Heytor também conseguiram entrar e juntaram-se aos outros. Fabrício decidiu passar uma água em seu ferimento na perna, quando chegou no banheiro ouviu alguns ruídos e ficou apavorado. Seria a loira do banheiro? E antes de soltar o primeiro grito de pavor, viu que, realmente, era uma loira: a diretora!

– Pessoal, sujou! Sujou! Precisamos sair daqui.

João superou seus receios e pulou o portão para ajudá-los! Foi uma correria só. No meio de toda a confusão a diretora os pegou no pulo:

– Todos para a diretoria! Vocês não têm família, não? Vou mandar todo mundo para o Conselho Tutelar!

– Senhora diretora, desculpe-nos. Foi um ato inconsequente, mas fique com nossa palavra que isso não voltará a se repetir. – João tentava tirá-los da enrascada.

– Que irresponsabilidade! – bufava a diretora.

– Que irresponsabilidade!

– Por favor, diretora! Deixe a gente ir embora.

– Lyca implorou.

A diretora olhou bem para aqueles rostos escondidos atrás das máscaras e amoleceu:

– Dessa vez vou deixar passar. Vou abrir o portão e cada um pra sua casa até eu contar até dez...

E antes de chegar no oito, cada um foi pro seu lado. Depois disso, preferiram respeitar a quarentena e continuar trocando mensagens pelo celular até que a pandemia acabasse.

Autor: Beatriz Gader Viana  
EMEF Altino Arantes  
DRE – Ipiranga  
Professora: Carolina Lobrigato







# O campo dos animais extintos

Essa é uma história que se passou há muitos anos e que vou contar pra vocês...

Em um campo bem escondido da floresta viviam duas meninas, Sofia e Letícia. Sofia era uma menina de dezesseis anos. Sua mãe, a protetora do campo, morreu quando ela tinha treze anos e, desde então, a garota vinha fazendo o que sua mãe fazia. Já Letícia tinha quatorze, e era prima de Sofia, sua mãe ainda estava viva e cuidava das duas.

As meninas tinham uma espécie de magia para poder proteger o campo, porém cada uma tinha dons diferentes. Sofia herdou sua magia de sua mãe, ela podia ver onde estavam os animais, conseguia se “comunicar” com eles, enfim, imagine as magias das fadas, eram as mesmas que a Sofia tinha. Já Letícia podia fazer nascer frutos nas árvores, caso esses ficassem escassos, e sua magia evoluía com o tempo, o que a possibilitaria fazer mais coisas.

O campo era repleto de animais que as pessoas achavam que foram extintos. As meninas estavam lá para protegê-los e, por isso, ainda resistiam. Diversas espécies da nossa fauna, que nós achamos que estão extintas ou em extinção, estavam lá, desde a ararinha azul até o quagga.

Em um dia tranquilo como todos os outros, as meninas estavam alimentando os animais e ouviram um barulho. Com o susto, elas deram o alarme para todos se esconderem. De um arbusto saiu um rapaz,

que aparentava ter seus dezoito anos, ferido. Como o juramento de Sofia era cuidar de todos os feridos, ela foi até ele, mas sem dar o aval para os animais saírem do esconderijo.

Ela o abrigou em uma cabana, para tratar de seus machucados, e falou para Letícia ir cuidando do animais ao longe. Além disso, também a orientou para que toda vez que o rapaz saísse da cabana, ela os escondesse. As duas faziam isso para a proteção dos bichinhos, pois antes deles precisarem se esconder, eram “livres”, todos podiam vê-los, mas, infelizmente, por conta da maldade humana, suas espécies quase tinham deixado de existir.

O rapaz se chamava Nathan e, pela história que contou a Sofia, estava em uma busca de novas plantas medicinais e subiu em uma árvore para pegar um fruto, quando perdeu o equilíbrio e caiu. Como ele precisou limpar as feridas, foi atrás de um lago e acabou encontrando o campo e as garotas. Após toda a explicação, Sofia foi até o lago buscar a água, tanto para ele beber, quanto para a limpeza das feridas... No caminho, ela ficava pensando se ele era realmente do mal, pois ele parecia ser uma pessoa boa... Desde nova ensinaram-na que não existiam pessoas boas e que todos que iam para aquele campo só queriam pegar os animais para venda ou para ter a pele deles... Por isso a sua desconfiança!

Enquanto Sofia estava cuidando dele, ambos ficavam conversando e Nathan ia falando o que fazia,

o que achou nas suas pesquisas e etc. Já Sofia falava o mínimo possível de si, ainda estava desconfiada.

Os dias se passavam e a cada dia eles ficavam mais próximos. Os animais continuavam escondidos e só saíam quando Nathan estava dormindo. Sofia ficava animada com as histórias que ele contava sobre suas aventuras e aos poucos também começou a contar mais sobre si, mas mesmo sentindo que ele era uma pessoa boa e começando a gostar dele, preferiu continuar.

Já tinha se passado um mês desde que Nathan havia chegado e Letícia estava odiando essa ideia de mantê-lo ali, mas sua mãe (Julieta) não se manifestava e quem comandava o campo era Sophia, então não tinha muita conversa. Por outro lado, Julieta estava amando a aproximação deles, tudo estava saindo conforme o plano...

Em uma certa manhã, Nathan convidou Sofia para um piquenique, era o aniversário dela e ele sabia disso. Queria agradá-la, pois estava tão envolvido quanto ela. Como Nathan era novo por ali, foi Sofia quem os levou ao local mais lindo de todo o campo, cheio de flores, grama bem verdinha e um lago cristalino. Eles colocaram a toalha sobre a relva, as comidas e ficaram a manhã toda juntos. Quando estavam voltando, ela resolveu dar-lhe um voto de confiança e deu o sinal para que os animais saíssem do esconderijo. Nathan ficou encantado, nunca tinha visto aquelas espécies. Depois, ela lhe mostrou sua magia, mas, desta vez, o

rapaz ficou todo confuso e Sofia o levou para a cabana, explicando-lhe tudo.

Letícia, a propósito, odiou essa história da prima mostrar os animais a Nathan, pois estava muito desconfiada dele... Duas semanas antes, ela o havia visto indo para a floresta, achou estranho, pois tudo o que ele precisava já tinha no campo, mas no momento em que estava prestes a segui-lo, Sofia a chamou para ajudar em uma tarefa... Quando ele voltou, ela lhe perguntou o que ele fora fazer tão longe e a resposta foi que queria apenas dar uma caminhada. Letícia não caiu naquele papo e guardou aquela história apenas para si.

Letícia nunca quis o mal de sua prima. Era certo que sentia um pouco de inveja por Sofia estar tendo contato com pessoas de fora, mas ela não lhe queria o mal... Sofia sempre fora como uma irmã para Letícia, mas antes só havia elas no campo e quando Nathan chegou, Sofia começou a lhe dedicar a maior parte do seu tempo, por isso Letícia estava chateada e queria tirá-lo de lá o mais rápido possível. Além disso, ela não entendia o porquê de sua mãe estar tão passiva vendo que Sofia deixara um estranho ficar no campo.

Após dois meses, Sofia e Nathan finalmente estavam juntos, com juntos quero dizer namorando, e Sofia estava tão feliz... tinha encontrado alguém do bem e que não queria fazer mal aos animais. Porém, essa alegria durou até uma tarde... Novamente Letícia tinha visto Nathan entrando na floresta, mas dessa vez não ficou

quieta, não aguentava ver Sofia toda feliz achando que ele era uma boa pessoa, então foi até ela e lhe contou o que vira, porém, como já era não acreditou. Assim, Letícia propôs que Sofia usasse a magia dos encontros (que a deixava ver qualquer pessoa em qualquer lugar) e, prontamente, Sofia concordou, pois estava crente que Nathan não estava fazendo nada demais... Tamanha foi sua decepção!

Nathan estava falando com um homem que tinha uma cara de carrancudo, eles falavam do campo, dos animais... Sofia não aguentou ouvir, como doía! Ela se decepcionou tanto! E após ver isso, correu, correu, chegou até o lugar onde fizeram o piquenique, lembrou das conversas, das risadas... e chorou, chorou, como chorou!

Depois de tantas lágrimas derrubadas, Sofia voltou para casa. Lá viu Nathan brincando com um rato-candango e, cheia de raiva, foi correndo afastá-lo do animal. Acabou expulsando o rapaz do campo. No começo, ele ficou sem entender, mas depois tudo fez sentido... Ao tentar se explicar, falou que não era o que ela estava pensando, porém não conseguia continuar, pois Sofia gritava e gritava. No fim, ele se rendeu e foi embora.

Nathan não sabia o que fazer, estava com tanta raiva de si mesmo, ficava pensando por que foi aceitar aquela proposta. Ele era um estudante de medicina e um amante da ciência, gostava de buscar frutos, plantas medicinais e queria descobrir curas para doenças incuráveis, mas ninguém o ouvia, zombavam dessa

paixão que ele tinha pela natureza, afinal “não o levaria a canto nenhum”.

Nessas buscas, Nathan acabou entrando em um bosque e viu homens negociando animais que não poderiam ser vendidos. Por conta disso, foi perseguido... aqueles contrabandistas não o deixariam vivo caso o capturassem. Por sorte, durante a fuga, foi salvo por um homem chamado Sérgio, que o puxou para um beco... Estranho não é?! Um desconhecido o salvar... Sérgio lhe explicou que era um investigador e estava atrás daquele grupo há tempos, orientou-o ainda a fugir e se esconder até que os criminosos fossem presos. Além disso, descreveu uma espécie de campo secreto, que ficava em uma parte funda da floresta, cheio de plantas diferentes, onde ele se manteria seguro e encontraria o que tanto procurava. Em troca, Sérgio o fez prometer que assim que encontrasse o campo lhe passasse a localização, para poder mantê-lo informado sobre os passos da quadrilha e sua retirada estratégica, caso estivesse em perigo. Nathan não tinha entendido bem o porquê, mas estava tão apavorado que aceitou... Ah, coitado dele! Achou que Sérgio estava fazendo isso porque queria ajudá-lo...

Finalmente entrou na mata e seguiu a sua busca. Porém, ao subir em um galho de uma árvore para colher a amostra de um fruto que nunca havia visto, acabou caindo e se ferindo. Foi assim que encontrou o campo e Sofia, que o socorreu de forma tão gentil.

Apesar disso, Nathan notou que ela escondia algo e já veio a sua cabeça os animais que Sérgio falara, achou que ela fosse uma egoísta e que, da mesma forma que escondia os animais, também escondia as plantas que ele tanto procurava. Para ter o que queria, ele se tornou uma pessoa mesquinha e o que mais temia. Ele sabia que precisava da confiança dela para encontrá-los, por isso, começou a se aproximar, falar sobre si, ajudá-la. Mas depois de um tempo, Nathan se apaixonou por Sofia, pela pessoa que ela era e se sentiu culpado pelo que estava fazendo. Quando Letícia o viu entrando na mata, estava indo ao encontro de Sérgio. Disse-lhe que ainda não tinha achado o que ele lhe pedira. Ele sabia que iria magoar Sofia se falasse do campo e não queria isso. Estava vivendo dias tão felizes... mas, novamente, Sérgio pediu outro encontro e dessa vez Nathan estava pronto para lhe falar um não...

Quando Sofia os viu, Sérgio estava xingando Nathan, chamava-o de traíra, falava que sabia que ele já tinha encontrado o campo, mas Nathan se negava a lhe revelar onde era, enfim a maior discussão... Apesar da briga, Nathan estava se sentindo leve, pois finalmente podia ser completamente feliz com a sua amada, ela que tanto o apoiava. Porém, ao ver a imagem de Sofia, vermelha de tanto chorar e enfurecida, ele sentiu que seu peito estava sendo esmagado e quando ela o expulsou, foi o golpe final. Agora, lá estava ele no meio da mata, de coração partido, prestes a ser literalmente morto.

A verdade é que Sérgio era um tipo de caçador... Ele fora contratado por Julieta, a mãe de Letícia, para achar um rapaz jovem e encantador que conquistasse Sofia e a tirasse de seus afazeres, que a levasse para longe, que fosse o culpado... Foi assim que Sérgio encenou toda aquela situação de perseguição, se fez amigo de Nathan, inventou que precisaria que lhe entregasse sua localização para protegê-lo dos criminosos. Seu verdadeiro alvo era Sofia. A tia a queria longe dali ou morta.

Julieta sempre se fingiu de boazinha, mas foi ela quem matou sua irmã há três anos, envenenou-a, pois Sabrina descobrira que ela estava contrabandeando animais e se tornara uma ameaça. Começou a cuidar de Sofia, mas não para o seu bem, queria a menina por perto para poder vigiá-la, controlá-la e garantir que não descobrisse suas ações. Sabia que a sobrinha tinha o mesmo poder da mãe e até mais forte, sabia que ela era determinada e que ocuparia o cargo que lhe havia sido deixado, como a mãe fizera, sabia que no futuro seria mais difícil lidar com ela do que fora com sua irmã... se conseguisse afastá-la... se conseguisse se livrar dela... e durante todo esse tempo buscava a melhor forma de concretizar seus planos.

A solução perfeita para acabar com os problemas de Julieta foi achar um jovem que desviasse Sofia de sua missão, que lhe tomasse o tempo para que ela não percebesse o que estava verdadeiramente acontecendo. A tia tinha certeza de que a jovem, ingênua e sonhadora,

cujo primeiro instinto era o de proteger e cuidar, iria se apaixonar, assim poderia tirar-lhe o cargo e dar fim aos animais, e também faria a menina sofrer. Julieta sempre invejou tanto Sabrina... não admitia que a irmã fosse mais poderosa do que ela, e quando soube que Sofia herdaria os mesmos dons... Será que Letícia, sem querer, teria estragado seus planos? Letícia nunca soube desse lado de sua mãe e até aquele momento continuava sem saber.

Havia uma semana desde o ocorrido e Sofia ainda estava sofrendo quando a jovem resolveu fazer um passeio na floresta... depois de algum tempo que estava andando, começou a ouvir um baixo pedido de socorro, ela reconhecia aquela voz, era Nathan! O rapaz estava encostado em uma árvore, todo machucado, roxo em todas as partes do corpo... Oh! Oh! SANGUE! Ele estava sangrando! Nathan só conseguiu dizer “Esconda-os” e desmaiou. Sophia não sabia o que fazer, então gritou chamando por Letícia, que conseguia ouvi-la mesmo a longas distâncias.

Após estarem na cabana, Sofia usou uma magia para curá-lo, óbvio que a magia não o curaria cem por cento, mas iria dar um jeito nos cortes. Nathan acordou e já não estava com tanta dor, começou a olhar por todos os lados em busca de Sofia, mas não avia. Resolveu levantar para procurá-la, precisava falar-lhe com urgência!

Quando ele chegou à porta da cabana, Sofia veio correndo, repreendendo-o por ter se levantado. Ela o colocou de volta na cama e ao se virar para sair, Nathan implorou que ficasse. Sofia se sentou e o ouviu falar, com o maior desespero, que tinham que encontrar outro campo, que os homens maus estavam vindo, que sua tia mandou matá-los, explicou-lhe todo o ocorrido, inclusive como ele fora parar no campo... E pediu desculpas de novo.

No fim de toda a história, Sofia já estava aos prantos, primeiro porque descobriu sobre sua tia e segundo, pelas desculpas de Nathan. Ela lhe disse “estamos nos desculhando, eu também te devo um pedido de desculpas”, e saiu para se resolver com Julieta...

Ao entrar na cabana onde a tia má habitava, Sofia lhe disse tudo o que descobriu e a mandou embora. A megera riu sarcasticamente e lhe disse que já pressentia que seria desmascarada. Depois, destilou sobre a garota todo o seu ódio, tirou uma adaga de seu corpete e... Sofia só foi entender o que estava acontecendo quando caiu no chão após levar a punhalada e sentir a adaga perfurando sua pele. Rapidamente Nathan e Letícia apareceram para socorrê-la. A prima estava perplexa, não podia acreditar que sua mãe estava fazendo aquilo!

Assim que Julieta viu a filha, chamou-a para sair daquele lugar, fugir, mas a menina se recusou e ela ficou furiosa... Decidiu, então, ir embora sozinha, porém, quando estava prestes a sair, Letícia a puxou

dizendo que aquilo estava errado e que a mãe não sairia daquela cabana...

Alguma coisa dentro de Sofia começou a brilhar e ela se recuperou do golpe que levou. Levantando-se com a ajuda de Letícia, conseguiu jogar uma magia que prendia Julieta para sempre na cabana... Depois disso, os três jovens prepararam os animais e foram embora daquele lugar.

Se Nathan e Sofia acabaram juntos? Eu só sei que estavam juntos ao sair do primeiro campo. Há boatos que eles se casaram e viveram pela floresta, outros que se mudaram para a cidade e que Letícia foi quem começou a cuidar dos animais. Se Julieta ficou presa na cabana? Há boatos que sim, outros que ela conseguiu escapar de alguma forma e viveu a vida toda procurando por Sofia e Nathan.

Como realmente acabou ninguém sabe... exceto quanto aos animais!

Autor: Ana Beatriz Reggio  
EMEF Professor Leão Machado  
DRE – Ipiranga  
Professora: Manoela Ianan Ferreira

## João e Maria e a Bruxa Devoradora de Crianças

Era uma vez, um rico comerciante que morava em uma floresta, na província de Zaun, com sua esposa e seus dois filhos, João e Maria. A esposa do comerciante, mãe dos dois irmãos, havia morrido há pouco tempo, por uma doença misteriosa. Como o comerciante era muito ocupado, raramente aparecia em casa e, por esse motivo, João e Maria foram criados pelas empregadas, as quais faziam todas as suas vontades, por medo de alguma forma desagradar o seu patrão, o comerciante.

Por causa das empregadas que faziam tudo o que eles queriam, João e Maria viraram aquelas crianças chatas e mimadas: João era aquela criança arrogante e que queria tudo na hora; já Maria, era aquela criança que parecia uma taça de cristal, pois chorava por qualquer coisa e era protegida por todos.

Na floresta onde João e Maria moravam, havia uma lenda, a da bruxa devoradora de crianças, que dizia que mais ao centro da floresta morava uma bruxa, a tão temida bruxa devoradora de crianças, que comia as crianças mal educadas. Os adultos que moravam nas redondezas não acreditavam nessa história, pois achavam que era apenas mais uma historinha para assustar crianças, porém, com os desaparecimentos recentes de crianças que brincavam perto da floresta, todos em Zaun começaram a repensar o fato de se ter realmente uma bruxa nas redondezas.

Certo dia, João estava andando pelo corredor de sua casa e, sem querer, acabou ouvindo as empregadas no quarto ao lado, comentando sobre os desaparecimentos recentes de crianças em toda província de Zaun; uma das empregadas citou a lenda da bruxa e, como João não sabia nada sobre a lenda, ele ficou meio confuso e foi perguntar para Maria, já que o passatempo preferido dela era ler histórias. João pensou que provavelmente ela saberia do que se tratava. Chegando no quarto dela, ele a chamou:

– Maria!

– Já vai! Maria então abriu a porta do seu quarto:

– O que você quer, João?

– Maria, você sabe alguma coisa sobre a história da bruxa?

– Por que quer tanto saber, João?

– É porque eu ouvi as empregadas conversando sobre o desaparecimento de crianças aqui em Zaun, e uma delas citou a lenda de uma bruxa.

– Ah sim! A lenda da bruxa! Essa lenda fala que mais ao centro da floresta mora uma bruxa que come crianças mal educadas.

– Uma bruxa que come crianças mal educadas? Não me faça rir, Maria.

– Não brinque com isso, João! E se a lenda for verdadeira?

– Se fosse verdade, os caçadores de bruxa já teriam dado um jeito nela!

- Será mesmo? Neste momento João teve uma ideia:
- E se formos atrás da bruxa?
- Está louco, João?! Somos apenas crianças!
- Eu não me importo com isso, Maria, eu irei achar essa bruxa e matá-la.
- E como pretende fazer isso, João?!
- Com a faca de nosso pai. João então tira uma faca mágica do bolso.
- Como você tem uma faca mágica João?!
- Eu peguei isso no quarto de nosso pai, eu acho que você não deve saber, mas nosso pai era um grande caçador de bruxa no passado.
- Mesmo que tenhamos uma chance com esta faca, ainda sim é muito arriscado.
- Não se preocupe, vai dar tudo certo, até porque só vamos ver se a bruxa existe mesmo.
- Então tudo bem, vou com você.
- Escute Maria, sairemos à meia noite de amanhã, esteja preparada.

No dia seguinte, tudo aconteceu como o combinado: quando deu meia noite, João e Maria saíram para a floresta em busca da bruxa. Depois de muito tempo andando por lá, João e Maria ficaram cansados e decidiram fazer uma pausa. Então fizeram uma fogueira e ficaram por ali mesmo. Como Maria estava com muito sono, acabou adormecendo, enquanto João ficava de guarda. Tudo parecia bem, até que João começou a ouvir passos perto dele. Assustado, gritou:

– Quem está aí?!

De repente, João sentiu uma mão gelada tocar seu ombro. Com muito medo, lentamente, olhou para a bruxa e levou uma pancada, que o fez desmaiar. Quando ele acordou, olhou em volta e percebeu que estava dentro de uma cela, num subsolo. Preocupado por não encontrar sua irmã em lugar nenhum, ele chamou o nome dela, bem alto:

– Maria! Onde está você?!

Foi quando ele escutou o pedido de socorro desesperado de Maria, vindo do andar de cima. Ao ouvi-la implorando por socorro, João rapidamente sacou a faca mágica que tinha escondido em sua bota e arrombou a porta da cela. Ele subiu para o andar de cima o mais rápido que pode e, quando abriu a porta, se deparou com Maria prestes a ser jogada na fornalha. Então, em um ato de desespero, ele arremessou sua faca na mão da bruxa, que até tentou desviar, porém, sua mão acabou sendo decepada, fazendo com que Maria caísse no chão... Mesmo tremendo de medo, Maria se levantou, pegou a faca que estava no chão e apunhalou o coração da bruxa, o que fez com que ela morresse na hora. Depois de matar a bruxa, ela viu seu irmão vivo e foi correndo abraçá-lo e, com uma voz aliviada, ela falou:

– Que bom que você está bem, irmão!

– Bom, vamos voltar logo para casa, já está amanhecendo, sem falar que não aguento mais ficar nesse lugar.

Então eles finalmente voltaram para casa. Quando chegaram, todos estavam esperando eles, até o seu pai que estava super preocupado por eles terem sumido, que, ao saber que os dois tinham desaparecido, por meio de uma empregada, largou imediatamente o trabalho e voltou para casa. Porém, quando ele chegou, tudo já tinha sido resolvido e, vendo seus filhos machucados, perguntou, super preocupado:

- O que aconteceu com vocês!?
- Apenas fomos brincar na floresta e nos perdemos. – Respondeu João.

Seu pai logo percebeu que os dois estavam agindo totalmente fora do comum: Maria aparentava estar mais corajosa e João não era mais aquele garoto arrogante de antes. Estava certo de que algo tinha acontecido na floresta, porém, decidiu apenas ignorar por enquanto e, como Maria e João voltaram a salvos para casa, houve uma enorme comemoração com muita comida e bebida.

Autor: Kaik Pereira de Oliveira  
EMEF Des. Achilles de O. Ribeiro  
DRE – São Mateus  
Professora: Daniela Duarte Castro

9º ANO

MINICONTO



# Antes do assopro

Faltando um dia para assoprar as velinhas, a menina foi para o andar de cima.

Autor: Maria Eduarda de Souza Santos  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: Fernanda Noronha de Amorim Modevaim

## Admiradores

- Ontem quatro pessoas passaram a me seguir.
- A mim também, assim que saí do trabalho.
- Que coincidência! Em qual rede social?
- Estava se referindo a redes sociais?

Autor: Emanuely Fernanda da Silva Bezerra  
EMEF Ibrahim Nobre  
DRE – Butantã  
Professora: Fernanda Elisa Pansica

# Memória

Voltei para casa a pé, quando cheguei, lembrei que tinha ido de bicicleta.

Autor: Mikael Lopes Coimbra  
EMEF Cel. Hélio Franco Chaves  
DRE – Jaçanã/Tremembé  
Professora: José Antonio Neves

## Carência

– Ei, garoto, para de bagunçar. Seu pai não te deu educação, não?

– Educação? Não me deu sobrenome, não me deu atenção, não me deu carinho. Que dirá educação...

Autor: Mirella Oliveira Lima  
EMEF Altino Arantes  
DRE – Ipiranga  
Professora: Carolina Lobrigato

## Um multi...verso?

Vi portais tridimensionais na garagem, saindo deles “cópias” minhas. Éramos muito diferentes: nossas personalidades eram diferentes, mas ao mesmo tempo, iguais! Gostos semelhantes e atitudes opostas. Estava difícil conviver com tantos transtornos de personalidade! Qual se sobressairia? Tantas comparações!

Até que eles discutiram e desapareceram!

Autor: Dimitri Lucas dos Santos Moreira  
EMEF Altino Arantes  
DRE - Ipiranga  
Professora: Carolina Lobrigato

## Uma conversa normal

Uma mãe e um filho estavam tendo uma conversa normal:

– Filha, vou ter que te deixar sozinha a noite por causa do trabalho. Tem certeza de que você está bem?

– Está tudo bem mãe, eu consigo me virar sozinho.

– Sozinho? Mas você é uma garota, por que está falando desse jeito?

Então o filho apenas suspira e caminha de volta para seu quarto.

Autor: Maria Gabriela Matias Lima  
EMEF Cassiano Ricardo  
DRE – Ipiranga  
Professora: Aline da Costa Silva

# Um completo vazio

Olhei para quem estava comigo e vi um vazio,  
não tinha alma e não dava calafrio.

Autor: Julia Neres Farias  
EMEF Des. Achilles de Oliveira Ribeiro  
DRE – São Mateus  
Professora: Mirtes Gaspar Castro

## Quando ele chega

Ele trabalhando e eu arrumando a casa. Quando ele chega descontando tudo em pontos roxos no meu corpo.

Autor: Fabiola Gomes dos Santos  
EMEF João Amós Comenius  
DRE – Freguesia/Brasilândia  
Professor: Paulo Henrique de Oliveira Pequeno

## Rotina do corre

Mais um dia, indo pro meu corre em direção ao metrô, negro como sou, primeiro o guardinha me para. Se ele está num bom dia, pergunta de onde vim, para onde vou. Senão, primeiro bate, depois pergunta.

Quando entro no vagão com a minha mochila nas mãos. Vem o fiscal com veneno nos olhos me encarando de longe, quando chega perto eu falo:

– Sou trabalhador como você irmão.

Quando chego na outra estação o guardinha me acompanha até a saída, e mais um dia sou “paparicado” por olhares vigilantes.

Autor: Nicolas Batista dos Santos  
EMEF Altino Arantes  
DRE – Ipiranga  
Professora: Carolina Lobrigato

# Marcha

- 1, 2, 3, 4
- 4, 3...
- 2... 1
- O que é isso soldado? Está mancando?

Autor: Lucas Molina dos Santos  
EMEF Altino Arantes  
DRE – Ipiranga  
Professora: Carolina Lobrigato

# Nem tudo o que parece é

– Quem pensaria isso de uma mulher como eu?  
– falou para si mesma com as mãos ensanguentadas e um sorriso cínico nos lábios.

Talvez ela pensasse que estava sozinha.

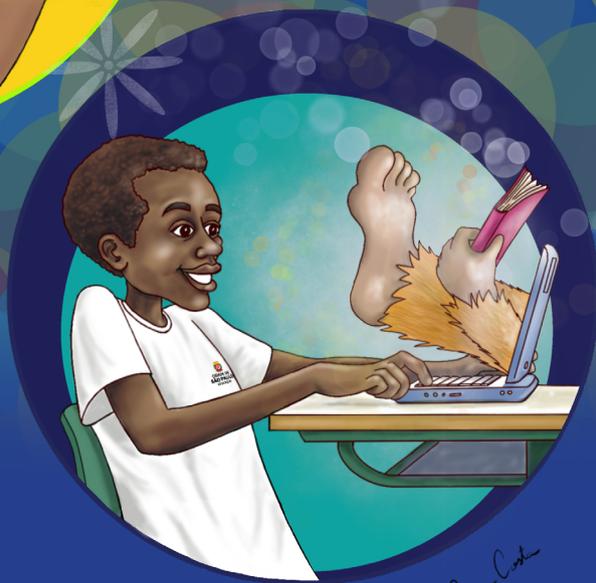
Autor: Beatriz De Jesus Rodrigues  
EMEF Ibrahim Nobre  
DRE – Butantã  
Professora: Fernanda Elisa Pansica







CIDADE DE  
SÃO PAULO  
EDUCAÇÃO



*Carla Costa*